

A ESCRAVIDÃO NA FRONTEIRA
Um estudo da escravidão negra numa "boca de sertão" paulista.
Lençóes, 1860-1887

Edson Fernandes

Resumo

Através da análise de inventários *post-mortem* procuramos caracterizar o contingente de escravos e a estrutura de posse de cativos na região de Lençóes quando esta era considerada “boca de sertão”, fronteira entre o mundo dito civilizado e o sertão desconhecido.

1. UMA REGIÃO DE FRONTEIRA

1.1 Introdução

A historiografia tem dado pouco destaque à existência do trabalho escravo em regiões não integradas ao circuito comercial de longa distância. No caso da Província de São Paulo, muito se tem estudado a escravidão nas zonas cafeeira e açucareira, ou seja, aquelas mais diretamente ligadas à exportação. Com relação às áreas de produção destinada aos mercados locais e regionais, as atenções já não têm a mesma intensidade. Quando se trata das chamadas “bocas de sertão”, o que se verifica é uma verdadeira lacuna na historiografia. O objetivo deste estudo é caracterizar o contingente escravo e a estrutura de posse de cativos nesta área periférica do povoamento, comparando-a com outras áreas onde também se utilizou o trabalho escravo.

“Boca do sertão” era o nome que se dava ao último povoado ocupado pelo homem branco, área não isenta de conflitos entre os primeiros povoadores brancos e os últimos remanescentes indígenas. Segundo Martins, fronteira é essencialmente o lugar do encontro dos que são diferentes entre si, lugar de descoberta do outro e de desencontro. E este desencontro não é apenas o de diferentes concepções de vida e de visões de mundo, mas o desencontro de temporalidades históricas, pois os que se encontram na fronteira estão situados diversamente no tempo da História (MARTINS, 1997, 150-151).

Lençóes foi “boca de sertão” paulista quando a escravidão dava seus últimos passos, a partir de meados do século XIX. Ali o homem branco foi disputando os espaços com os indígenas, foi se estabelecendo com suas lavouras, sua pecuária, seu tempo histórico, seu modo de vida. E seus escravos, pois ali a escravidão também floresceu. Não a escravidão dos grandes plantéis dos engenhos de cana do litoral e das extensas lavouras de café do vale do Paraíba. Mas a escravidão de pequenos plantéis, de lavouras destinadas aos mercados locais e regionais, de singularidades próprias. A escravidão de uma realidade singular, a fronteira.

1.2 Lençóes, “boca do sertão”

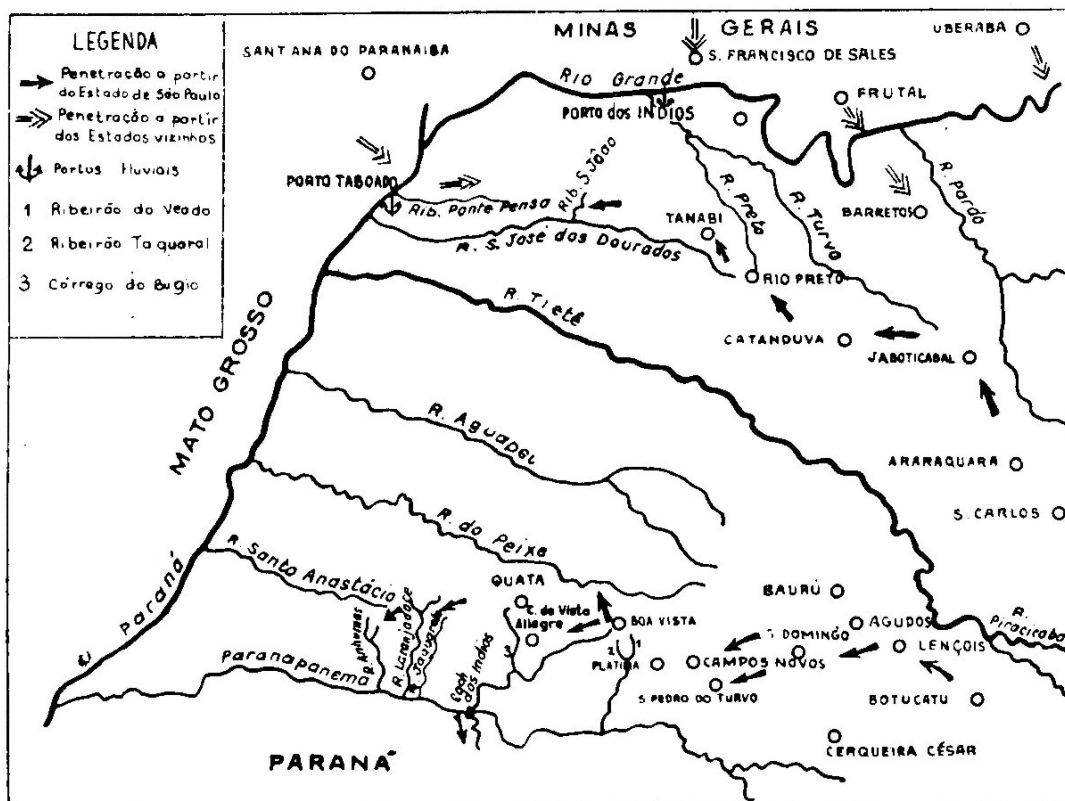
O avanço da cultura cafeeira estimulou o povoamento da região serrana de Botucatu. Lavradores das vilas próximas, criadores de gado e mineiros - descendentes dos antigos paulistas que haviam partido para as regiões

mineradoras - expulsos de sua terra devido à decadência da mineração se estabeleceram com suas lavouras e gado na fronteira da civilização. Foragidos da justiça e exterminadores de índios também fizeram parte da paisagem humana destes primeiros tempos. A eclosão da Guerra do Paraguai, em 1864, fez com que muitas pessoas se embrenhassem no sertão paulista, fugindo do alistamento militar (DONATO, 1954, p.40-67).

As novas condições demográficas e econômicas de São Paulo – escravos, imigrantes, café, ferrovias – aceleraram a criação de inúmeras vilas pelo desmembramento de territórios pertencentes a municípios mais antigos. A fronteira se expandiu e as “bocas de sertão” foram empurradas para oeste.

Itapetininga desmembrou-se de Sorocaba, um importante centro onde se comercializava gado, em 1770. Botucatu, por sua vez, desmembrou-se de Itapetininga em 1855. Por fim, Lençóis, que havia se tornado freguesia no ano de 1858, desmembrou-se de Botucatu em 1865, quando foi elevada à categoria de vila (MARCÍLIO, 2000, p.139). Lençóis tornou-se a nova “boca do sertão” paulista. Sob sua jurisdição estendia-se um vasto território que ia do rio Tietê, ao norte, até próximo às margens do Paranapanema, ao sul.

Gravura 1



A penetração dos mineiros no século XIX.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec-Polis, 1977, p.134

1.3 Aspectos econômicos de Lençóes

Entre 1860 e 1887, período abarcado por este estudo, a economia de Lençóes girava em torno da produção agrícola e pecuária de pequeno porte. Indicações destas atividades são constantes em inventários e contratos da época. Os lavradores e criadores da região, não estando integrados no comércio de longa distância, destinavam sua pequena produção aos mercados local e regional. Deve-se ressaltar que as dificuldades impostas ao escoamento da produção para o litoral – das quais, a ausência de ferrovias é a uma clara indicação – praticamente desestimulava o investimento neste sentido.

Pelos inventários é possível caracterizar a pecuária como de pequeno porte. A título de ilustração, um inventário de 14 de agosto de 1873, realizado por ocasião do falecimento da mulher de um conhecido bugreiro que andou pela região, relaciona os seguintes animais: 2 burros, 2 cavalos, 25 porcos magros, 2 vacas com cria e 4 novilhas. Este era o padrão da produção pecuária da regiãoⁱ.

Na produção agrícola, além das roças de milho, parte dela provavelmente destinada à criação dos animais, há registros de canaviais e engenhos, como nos mostra um inventário de um grande proprietário da região, realizado no dia 09 de agosto de 1864. Além de numerosos animais, são listadas e avaliadas, entre outras, duas propriedades com engenho e canavialⁱⁱ.

Em meados do século XIX, enquanto o vale do Paraíba liderava a produção cafeeira de São Paulo e do Brasil, a região de Lençóes – a Alta Sorocabana - ainda não se destacava como centro produtor, fato que só iria acontecer a partir da década de 1880, quando a produção da região representou 1,46% da produção da província, algo em torno de 151.000 arrobas (MATOS, 1990, p. 49).

Em 1880, no dia 5 de junho, foi registrado no cartório da villa de Lençóes um contrato de locação de serviços em que se acertou com dois locadores o trato de pés de café. Com um primeiro, contratou-se o serviço de manutenção de 2500 pés de dois anos para serem entregues em 2 anos e 500 pés de um ano para serem entregues em 3 anos. Para um segundo locador, entregou-se 2000 pés de 2 anos e outros 2000 de um ano, para serem entregues, respectivamente, em 2 e 3 anos, ambos os locadores devendo trazê-los sempre no limpo e sem falhasⁱⁱⁱ.

No dia 06 de junho de 1887, dois locadores foram contratados para derrubar mata de capoeira e plantar 6 mil pés de café ao preço de \$400 por pé formado em 4 anos, \$300 por pé de 3 anos, e \$200 por pé de dois anos. O locatário fez um adiantamento de 200\$000, se propondo a fornecer a cada locador cem mil réis (100\$000) todos os finais de ano e um alqueire de mata para cada um onde pudessem plantar uma roça de subsistência^{iv}.

Estes exemplos nos mostram que a cultura cafeeira fazia sua entrada na região, ocupando os espaços ao redor da antiga Lençóes. No início da década de 1890, estimava-se em 3 milhões os pés de café da vila (CHITTO, s/d, p. 73).

1.4 A mão-de-obra escrava

A “boca do sertão” também se utilizou da mão-de-obra escrava, embora não estivesse integrada no circuito comercial de longa distância. Segundo o censo de 1872, eram 954 escravos (7,7% da população), entre uma população total de

12.437 habitantes, espalhados pelas fazendas da região (MARQUES, 1980, p. 83). A análise dos inventários, das escrituras de compra e venda e dos batismos de escravos do período nos dão indicações da estrutura de posse dos cativos e condições de comparação com outras regiões, épocas e condições em que o trabalho escravo foi utilizado.

2. FONTES E METODOLOGIA

As fontes consistentes disponíveis para o estudo da escravidão na região de Lençóis encontradas até o momento restringem-se a registros paroquiais e inventários conservados, respectivamente, no Arquivo da Cúria de Botucatu e no Fórum de Agudos, ambas cidades vizinhas. Além disso, há registros esparsos espalhados por cartórios da cidade de Lençóis Paulista, a antiga Lençóis, referentes à escritura de compra e venda de escravos, registros de óbitos e outros que abordam algum aspecto da escravidão de maneira marginal. Os registros paroquiais englobam os batizados, casamentos e óbitos dos escravos.

As fontes privilegiadas no presente estudo são os inventários. Foram localizados 154 deles, sendo que em 53 estão arrolados escravos entre os bens dos inventariantes. Com base nestes documentos, estudou-se as características da população cativa de Lençóis dividindo-a por faixa etária e sexo. Num segundo momento, os escravos foram distribuídos por faixas de tamanho de plantéis com o intuito de se estudar a estrutura de posse.

Os resultados alcançados foram, então, comparados com os obtidos por pesquisadores que estudaram outras áreas, algumas delas de características diferentes da região de Lençóis.

São conhecidas as limitações do uso deste tipo de fonte, uma vez que ela engloba apenas uma parcela dos proprietários, numa determinada ocasião (a da morte) e pertencentes à uma faixa etária mais elevada, além de outras limitações. No entanto, devido à ausência, até o presente momento, de outras fontes mais completas relativas ao trabalho escravo para a região de Lençóis, pensamos que os inventários poderiam nos dar condições de preencher esta lacuna na historiografia.

3. A ESTRUTURA DE POSSE DE CATIVOS

3.1 A estrutura de posse em áreas de povoamento mais antigo

Utilizando como fontes os Maços de População relativos a 10 localidades paulistas (Campinas, Curitiba, Guaratinguetá, Iguape, Itu, Jacaré, Lorena, Mogi das Cruzes, São Sebastião e Sorocaba) no início do século XIX, Luna e Costa estudaram as características da propriedade escrava, incluindo tamanho de plantel, distribuição segundo o sexo e a idade dos escravos, além de dados relativos aos proprietários (LUNA & COSTA, 1983, p. 211-221).

Segundo os autores, duas conclusões básicas podem ser estabelecidas com relação aos cativos: o relativo equilíbrio entre os sexos, com exceção de Campinas e Itu, onde os homens representavam, respectivamente, 65% e 60% dos escravos; e a maior porcentagem de escravos do sexo masculino nas

localidades nas quais os engenhos de açúcar se faziam presentes em escala significativa.

Do mesmo modo, as mesmas localidades onde a produção de açúcar era significativa abrigavam as maiores concentrações de escravos na idade ativa (15 aos 64 anos): 71,2%, em Campinas; 76, 2%, em Itu; 67,9%, em Guaratinguetá; 65,9%, em São Sebastião. Nas demais localidades, as porcentagens para esta faixa etária variavam de 56,2% até 64,6%. Na faixa de 0-14 anos, os dados mostram de 21,5% a 41,9% de escravos. A população escrava acima de 64 anos era relativamente pequena, variando de 0,8% até 2,7%.

Com relação à estrutura de posse, verifica-se a predominância de proprietários de pequenos plantéis (de 1 a 5 escravos). Nas dez localidades analisadas, a porcentagem dos proprietários que possuíam plantéis nesta faixa variava de 60,1% até 79,2%, sendo que, levando-se em conta todas as localidades reunidas, 26% dos proprietários tinham apenas 1 escravo. Por outro lado, os maiores plantéis (mais de 40 escravos) se localizavam naquelas localidades onde a atividade açucareira era significativa, representando 4,5%, em Itu; 2,8%, em São Sebastião; 2,4%, em Campinas; e 1,2%, em Guaratinguetá.

Marcondes estudou a estrutura da posse de cativos nas lavouras cafeeiras de Taubaté para o início da década de 1870, utilizando-se das matrículas de escravos (MARCONDES, 1998, p.35-54). Concluiu que os possuidores de plantéis unitários representavam um terço do total de proprietários (33,5%). Na faixa de 2 a 4 cativos, encontrou 37,6% de proprietários; de 5 a 9 cativos, 12,7%; de 10 a 19, 9,1%; de 20 a 39, 4,4%; 40 ou mais escravos, 2,7% de proprietários. Ou seja, 92,9% dos proprietários tinham menos de 20 escravos.

Para as faixas etárias, os dados mostram o amplo predomínio dos escravos com idades de 15 a 49 anos (60,1%); os maiores de 50 anos representavam 13,4% da escravaria, enquanto que os menores de 14 eram 26,5%.

A razão de masculinidade estudada por Marcondes para o plantel taubateano aponta variações segundo o tamanho dos plantéis. Nos plantéis unitários, a predominância era de mulheres (razão de masculinidade de 91,3). Para as seguintes faixas de tamanho de plantéis, a razão era: de 2 a 4 cativos, 120,5; de 5 a 9, 138,4; de 10 a 19, 140,3; de 20 a 39, 165,0; 40 ou mais, 177,0. No total, a razão de masculinidade era 145,8.

Luna estudou a estrutura de posse de cativos de algumas localidades mineiras (Pitangui, Serro Frio, Congonhas do Sabará, São Caetano e Vila Rica) entre 1718 e 1804, ou seja, ao longo do predomínio da mineração, com base em livros de arrecadação tributária dos quintos e censos populacionais (LUNA, 1982, p. 31-55). Segundo ele, nas Gerais se desenvolveu uma estrutura escrava singular devido às peculiaridades da atividade mineira. Verificou a elevada porcentagem de senhores com plantel reduzido e a absoluta preponderância de senhores com até cinco cativos, neste caso superando 70% dos proprietários, excetuando-se uma das localidades – Pitangui, em 1718 (57,1%); e em 1723 (69,6%).

Analisando a estrutura etária da população escrava, Luna encontrou predomínio masculino, uma característica de áreas minerais, com os números variando de um máximo de 85,6% de homens para a vila de Pitangui, em 1818, para 58% em Vila Rica, no ano de 1804, portanto, já no declínio da mineração.

Quanto a estrutura etária, apenas duas localidades puderam ser estudadas. Em ambas, verifica-se o predomínio da faixa etária correspondente à idade produtiva, entre 15 e 39 anos. Este segmento participava com 82,7% dos escravos de Serro Frio, e 56,1% em São Caetano.

Costa estudou a posse de escravos na Comarca de Bananeiras, situada na Paraíba, região de transição entre a Zona da Mata e o sertão da Província (COSTA, 1992, p. 23-50). Foram analisados 447 inventários relativos aos anos de 1833 a 1888, período abarcado pelo estudo. A economia de Bananeiras se caracterizava pela produção de gêneros destinados à exportação (cana e algodão) e aos mercados locais e regionais (mandioca e criação de gado). Também neste caso, a predominância de pequenos plantéis é flagrante: 55,7% dos escravistas detinham pequenos plantéis (1 a 3 escravos). Somando-se os que tinham pequenos e médios plantéis (1 a 9 escravos), chega-se a 87% dos proprietários.

A análise dos dados mostra que o setor voltado à exportação (cana e algodão) concentrava a maior parte da população escrava (64%). Este mesmo setor se caracterizava por uma acentuada presença masculina (58%) e tinha predominância de escravos adultos (faixa etária de 15 a 40 anos). Estes eram 60%, nos pequenos plantéis; 46%, nos médios, e 41% nos grandes.

Nos setores voltados aos mercados local e regional, a grande maioria dos escravos (70%) vivia em pequenos plantéis, ao passo que nas lavouras de cana, a maioria (53%) vivia em grandes plantéis.

Estes quatro estudos nos serviram de contraponto aos resultados alcançados para uma região de “boca do sertão”, Lençóes, nos anos finais da escravidão no Brasil.

3.2 A estrutura de posse de cativos numa “boca do sertão”. Lençóes, 1860-1887

Para este estudo foram analisados todos os 154 inventários encontrados para o período de 1860 a 1887. Destes, 53 tinham escravos arrolados entre os bens, correspondendo a 34,4% do total.

3.2.1 Sexo e estrutura etária

Não se observou uma clara predominância de um dos sexos na população escrava de Lençóes. Os homens eram 53% e as mulheres, 47%, conforme mostra a tabela 1. Este relativo equilíbrio pode ser observado também nas diversas faixas etárias em que se dividiu a escravaria (tabela 2).

Tabela 1
População escrava de Lençóes por sexo, 1860-1887

Sexo	Nº absoluto	%
Homens	160	53
Mulheres	142	47
Total	302	100

Fonte: 53 inventários. Cartório do 1º Ofício da Comarca de Agudos

Pode-se notar, conforme a tabela 3, que os escravos em idade produtiva (de 10 a 49 anos) se dividem em 52,6% de homens e 47,4 de mulheres. Os homens predominam entre os mais velhos (65,6% na faixa de 50 anos ou mais) e as mulheres entre as crianças (56,7% na faixa de 0 a 9 anos).

Tabela 2
Sexo dos escravos por faixa etária.

Faixas etárias	Homens	%	Mulheres	%	Total
0-4	9	39,1	14	60,9	23
5-9	17	45,9	20	54,1	37
10-14	22	61,1	14	38,9	36
15-19	16	45,7	19	54,3	35
20-24	14	50	14	50	28
25-29	10	55,6	8	44,4	18
30-34	7	36,8	12	63,2	19
35-39	10	58,8	7	41,2	17
40-44	12	52,2	11	47,8	23
45-49	9	64,3	5	35,7	14
50-54	4	33,3	8	66,7	12
55-59	5	83,3	1	16,7	6
60 ou mais	12	85,7	2	14,3	14
Não consta	13	65	7	35	20
Total	160		142		302

Obs.: as porcentagens somam 100% na linha horizontal.

Fonte: 53 inventários. Cartório do 1º Ofício da Comarca de Agudos.

Tabela 3
Sexo dos escravos por faixa etária.

Faixa etária	Homens	%	Mulheres	%	Total
0-9	26	43,3	34	56,7	60
10-49	100	52,6	90	47,4	190
50 ou mais	21	65,6	11	34,4	32
Não consta	13	65	7	35	20
Total	160		142		302

Obs.: as porcentagens somam 100% na linha horizontal.

Fonte: 53 inventários. Cartório do 1º Ofício da Comarca de Agudos

O relativo equilíbrio entre os sexos também não se altera com a variação do tamanho dos plantéis. Pela tabela 4 podemos notar que nos plantéis pequenos, de 1 a 5 cativos, as mulheres representavam 48% e os homens, 52%. A discrepância, neste caso, fica por conta dos plantéis com 5 escravos em que os escravos homens se sobressaíam (66,7%) e nos plantéis com 21 escravos ou mais. Uma explicação pode ser a pequena amostra nos dois casos, já que se contabilizou apenas 3 proprietários no primeiro caso e 2 no segundo.

Tabela 4
Sexo dos escravos por tamanho de plantéis

FTP	Homens	%	Mulheres	%	Total
1	4	40	6	60	10
2	9	56	7	44	16
3	7	46,7	8	53,3	15
4	22	50	22	50	44
5	10	66,7	5	33,3	15
1 a 5	52	52	48	48	100
6 a 10	28	53,8	24	46,2	52
11 a 20	44	48,9	46	51,1	90
21 ou mais	36	60	24	40	60
Total	160		142		302

Obs.1. as porcentagens somam 100% na linha horizontal.

Obs. 2. FTP – Faixas de tamanho de plantéis.

Fonte: 53 inventários. Cartório do 1º Ofício da Comarca de Agudos.

Com relação à idade dos cativos, pode-se dizer que a escravaria de Lençóes era basicamente composta por jovens, mesmo levando-se em conta que após a lei do Ventre Livre a idade média dos escravos apontada pelos inventários tendia a subir pela exclusão dos nascidos. Os menores de 20 anos representavam 43,4% dos escravos (tabela 5).

Tabela 5
Escravos: distribuição segundo a faixa etária

Faixa etária	Nº absoluto	%
0-4	23	7,6
5-9	37	12,3
10-14	36	11,9
15-19	35	11,6
20-24	28	9,3
25-29	18	6,0
30-34	19	6,3
35-39	17	5,6
40-44	23	7,6
45-49	14	4,6
50-54	12	4,0
55-59	6	2,0
60 e mais	14	4,6
Não consta	20	6,6
Total	302	100

Fonte: 53 inventários. Cartório do 1º Ofício da Comarca de Agudos.

3.2.2 Estrutura de posse dos cativos

Aqui também se verifica a ampla predominância dos pequenos plantéis. Conforme a tabela 6, quase 70% dos proprietários possuíam de 1 a 5 escravos. Por outro lado, controlavam apenas 1/3 desta mão-de-obra. No outro extremo, 17% dos proprietários controlavam a metade da escravaria em seus plantéis de mais de 10 escravos. A elite escravista apontada pelos inventários, os possuidores de mais de 20 escravos, eram apenas 3,8% dos proprietários que possuíam 1/5 dos escravos. Os proprietários de apenas 1 escravo eram 18,9%. Juntos, detinham apenas 3,3% da mão-de-obra.

Tabela 6
Estrutura de posse de cativos por faixas de tamanho de plantéis

FTP	Proprietários	%	Escravos	%
1	10	18,9	10	3,3
2	8	15,1	16	5,3
3	5	9,4	15	5,0
4	11	20,7	44	14,5
5	3	5,7	15	5,0
1 a 5	37	69,8	100	33,1
6 a 10	7	13,2	52	17,2
11 a 20	7	13,2	90	29,8
21 ou mais	2	3,8	60	19,9
Total	53	100	302	100

Obs.: FTP – Faixas de tamanho de plantéis.

Fonte: 53 inventários. Cartório do 1º Ofício da Comarca de Agudos.

4. Conclusão

Os dados disponíveis até o momento nos permitem concluir que os padrões de posse de escravos na fronteira do povoamento são semelhantes a outras áreas de povoamento mais antigo pesquisadas e mencionadas neste trabalho, ou seja, verifica-se a ampla predominância dos proprietários de pequenos plantéis (de 1 a 5 escravos) que, por outro lado, detinham uma pequena parcela da mão-de-obra. Esta é uma indicação do padrão de riqueza dos indivíduos que se colocavam na vanguarda do povoamento, sob os riscos de conflitos com os indígenas enquanto a segurança representada pela efetiva ocupação e integração da área ao comércio de exportação não se concretizava.

Também se verificou um equilíbrio entre os sexos, característica esta encontrada em áreas voltadas à produção destinada aos mercados local e regional, como a estudada por Costa no sertão da Paraíba, e diferentemente das áreas onde a produção era destinada à exportação, como demonstrado por Marcondes para a região cafeeira de Taubaté; Luna & Costa para os centros açucareiros de Campinas e Itu, e Luna para as regiões mineradoras. Do mesmo modo, nestas últimas áreas a concentração de cativos na idade ativa era flagrante, enquanto que as regiões não integradas à economia exportadora apresentavam uma característica etária distinta. A população escrava de Lençóis era, como

vimos, predominantemente jovem, o que pode indicar a importância de seu crescimento natural.

A estrutura de posse de cativos, assim como as características gerais da população escrava de uma “boca do sertão”, eram basicamente as mesmas de outras áreas em que a produção era destinada aos mercados local e regional. Comparando-se com economias de exportação, as diferenças básicas se referem à faixa etária e à composição quanto ao sexo. Em ambas, no entanto, é nítida a predominância de pequenos plantéis.

As características singulares da fronteira de povoamento à época em que Lençóis era “boca de sertão” não permitiram a formação de grandes plantéis, e tampouco que as características básicas da escravaria das regiões exportadoras – predominância da idade adulta e do sexo masculino – se impusessem, pois quando a “boca de sertão” se deslocou para oeste a escravidão já estava extinta no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHITTO, Alexandre. *Lençóis Paulista, boca do sertão*. Edição especial de "O Eco", s/d.

COSTA, Dora Isabel Paiva da. *Posse de escravos e produção no agreste Paraibano: um estudo sobre Bananeiras, 1830-1888*. Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, 1992.

DONATO, Hernani. *Achegas para a história de Botucatu*. 2ª ed. Do autor, 1954.

LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Posse de escravos em São Paulo no início do século XIX. *Estudos Econômicos*. V. 13, nº 1, jan./abr. 1983, p. 211-221.

LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da posse de escravos. In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. *Minas Colonial: economia e sociedade*. São Paulo: FIPE/Pioneira, 1982, p. 31-55.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista, 1700-1836*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2000.

MARCONDES, Renato Leite. A pequena e a média propriedade na grande lavoura cafeeira do Vale do Paraíba. *Locus: Revista de História*, vol.4, nº 2, 1998, p. 35-54.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo, 1825-1878. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da província de São Paulo*. v.2. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias. A evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1990.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec-Polis, 1977.

ⁱ Inventário de Francelina Maria da Conceição, 14 de agosto de 1873. Cartório do 1º Ofício da Comarca de Agudos SP.

ⁱⁱ Inventário de Gertrudes de Almeida Leite, 09 de agosto de 1864. Cartório do 1º Ofício da Comarca de Agudos SP.

ⁱⁱⁱ Livros de Contratos e Notas Antigas. 1º Cartório de Notas de Lençóis Paulista SP.

^{iv} Livros de Contratos e Notas Antigas. 1º Cartório de Notas de Lençóis Paulista SP.